

As manipulações das etnicidades como forma de controle, exploração e alienação em *Hibisco Roxo* de Chimamanda Ngozi Adichie.

Juliana Sant'Ana Campos¹

RESUMO: Este estudo visa a análise da obra *Hibisco Roxo* (2011) de Chimamanda Ngozi Adichie, observando às tensões culturais, sociais e econômicas entre os explorados e os exploradores, tendo como ponto central as manipulações que alteram e expandem os processos de construções identitárias dos protagonistas e suas esferas de dominação.

ABSTRACT: This study analyzes the novel *Purple Hibiscus* (2011) by Chimamanda Ngozi Adichie observing the cultural, social and economic tensions between the exploited and the exploiters with the central point manipulations that alter and expand the processes of identity construction of the protagonists and their domination fields.

PALAVRAS-CHAVE: manipulação, etnicidades, identidades, personagens e nação.

KEYWORDS: manipulation, ethnicities, identities, characters and nation.

Introdução

“As estruturas, os contextos culturais, os tipos de vida e as maneiras de pensar resultantes da ação colonial permanecem fortemente enraizados na carne e no espírito dos países africanos; mesmo depois da independência” (BALANDIER, 1963, p. 113).

Os fatores econômicos, como a fome, a concentração de renda abusiva e exploração de mão-de-obra escrava dentre outros, sempre precedem as mudanças sociais e culturais de uma nação². É em detrimento desses fatores que ocorre a manipulação das etnicidades³.

Contudo, nesse processo de mudança estão inerentes embates, tensões, trocas ou imposições culturais, econômicas, políticas e sociais, entre colonizador e colonizado ou até mesmo entre os diversos grupos étnicos na Nigéria que alteraram significativamente

¹ Doutoranda em Letras, do Programa de Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa, pela Universidade de São Paulo - USP, possui mestrado em Literatura e Crítica Literária pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC-SP (2009)

² No dicionário etimológico da língua portuguesa, organizado por Antônio Geraldo da Cunha, o vocábulo *nação* é definido como “agrupamento de seres, geralmente fixos num território, ligados por origem, tradições, costumes comuns e, em geral, por uma língua”. É a partir deste termo que o vocábulo *nação* será pensado.

³ A definição de *eticidades* empregada neste trabalho foi retirada do dicionário etimológico da língua portuguesa, organizado por Antônio Geraldo da Cunha, que concebe tal vocábulo como “1. condição ou sentimento de pertencer a um determinado grupo étnico 2. Grau de aceitação dos padrões culturais do grupo étnico pelos seus integrantes.”

o modo de o nigeriano se ver e se posicionar no mundo e em seu território. Alguns tentaram tirar proveito do que puderam da cultura imposta, outros resistiram e se posicionaram contrários, outros a adotaram como uma cultura superior e outros transitaram entre o prestígio social da cultura do colonizador e a coerência social de uma cultura ancestral.

Este trabalho tem por objetivo verificar como se dá a manipulação das etnicidades dos personagens centrais da obra *Hibisco roxo* de Chimamanda Ngozie Adichie frente às tensões culturais, sociais e econômicas entre os explorados e os exploradores. Em que medida as tensões dessas manipulações alteram e expandem os processos de construções identitárias dos protagonistas presentes nesse romance e como alguns personagens constroem suas esferas de dominação?

No romance em análise a narradora protagonista é Kambili, personagem do sexo feminino pertencente à elite nigeriana, inserida em um mundo opressivo assentado em um modelo familiar de patriarcado, em que a mulher deve obediência e silêncio ao homem, no caso da adolescente ao seu pai Eugene, homem muito rico que aproveitou a situação de mudança sofrida pela Nigéria no pós-independência para se desenvolver financeiramente. Ele é a grande figura do dominador, daquele que aprendeu bem com a colonização os meandros do controle.

A ascensão da garota só ocorre via sofrimento, contato com outras mulheres e resgate da ancestralidade, sempre apresentada por alguém mais velho. Esses acontecimentos, embates e tensões de diversas ordens alteram significativamente o comportamento e o modo de agir de Kambili e do seu entorno promovendo o alargamento da visão de mundo da narradora, a abertura do foco narrativo e das discussões de ordem social, política, cultural, econômica e religiosa.

Muros de silêncio

Ao pensar nos diversos fatores que compõem as etnicidades; língua, religião, alimentação, rituais, crenças, cor da pele, é importante perceber como cada um deles pode ser manipulado pelo colonizador e ecoar no futuro do colonizado.

No romance *Hibisco Roxo* de Adichie, Kambili é uma menina que está entrando na fase da adolescência e que vive, assim como seu irmão Jaja, oprimida pelo pai extremamente controlador que lhe condiciona via religião, disciplina escolar e familiar a seguir suas regras e horários estabelecidos. Nem mesmo o silêncio pode ser desfeito sem o prévio consentimento de seu pai Eugene, grande chefe familiar.

A mãe Beatrice é uma mulher submissa e que acredita que tem sorte por ter encontrado um homem bom como Eugene que apesar de controlador e violento com a família e com ela, não possui outra mulher e ajuda financeiramente diversas pessoas de esferas diferentes da sociedade.

Na obra de Adichie muitas formas de dominação do outro são apresentadas por Eugene: dominação física com espancamentos e aprisionamentos; dominação psicológica tanto próxima aos seus filhos quanto à distância; dominação religiosa dentre outras. Todas as dominações se valem do medo e do silêncio dos oprimidos. Por sinal, medo é a palavra de ordem na mansão de Eugene, homem que segue à risca as doutrinas do catolicismo, domina suas empresas tanto alimentícias quanto jornalísticas e controla a família com mãos de ferro. Nada lhe passa despercebido, cada detalhe da rotina da família deve ser controlado e observado por ele.

Eugene, que apesar da origem humilde, conseguiu ascensão social e econômica em um país recém liberto dos colonizadores ingleses, contudo não da colonização.

Os preceitos hierárquicos de cor de pele, língua, religião, educação e cultura advindos da colonização inglesa são mantidos por Eugene que faz questão que sua família os siga, mesmo sabendo que tanto ele quanto sua mulher têm origens igbo, são negros, cultuaram por muitos anos a religião dos ancestrais e tiveram contato com a língua e religião do colonizador inglês só depois da adolescência. Contudo, Eugene justifica grande parte das suas atitudes, senão todas, pela religião católica:

Uma Igreja nas colônias é uma igreja de brancos, uma Igreja de estranhos. Ela não chama o homem colonizado para o caminho de Deus, mas para o caminho do branco, o caminho do senhor, o caminho do opressor. E como sabemos nessa história há muitos chamados e poucos escolhidos. (FANON, 2010, p.59)

Eugene admirava padres e freiras brancas. Gostava de ter contato com religiosos de pele clara, que fossem rígidos na doutrina católica e que, de preferência, realizassem a missa toda em latim. O idioma nativo, igbo, poderia ser usado durante a missa somente para o ofertório.

Para Eugene, falar em igbo era ser não civilizado, como algo ruim. Ele revela os meandros da dominação linguística e a suposta superioridade da língua inglesa sobre o igbo:

Aquilo era um mau sinal. Papa quase nunca falava em igbo e, embora Jaja e eu usássemos a língua com Mama quando estávamos em casa, ele não gostava que o fizéssemos em público, ele nos dizia; precisávamos

falar em inglês. A irmã de Papa, tia Ifeoma, disse um dia que Papa era muito colonizado. Disse isso de forma gentil e indulgente, como se não fosse culpa de Papa, como quem fala de alguém que tem um caso grave de malária e por isso grita coisas sem nexos. (ADICHIE, 2011, p. 20)

Na descrição de tia Ifeoma, Eugene é dominado pelo efeito da colonização tal qual uma doença. Como se tivesse dado as costas para a coesão social de grupo em Abba quando abraçou o catolicismo e negou o próprio pai. Ao contrário de Ifeoma, que havia se convertido ao catolicismo, mas, ao mesmo tempo, não negava sua ancestralidade e entendia as tradições mantidas pelo seu pai, Papa Nnukwu. Eugene não aceitava qualquer tipo de contato com Papa Nnukwu, pois acreditava que o ancestral era um pagão e não um tradicionalista como via tia Ifeoma.

Nesse sentido, o conflito interno de alguns personagens com relação às tensões linguísticas revela também o bilinguismo colonial em que as duas línguas e culturas não coexistem de maneira dual, mas todo um mundo cultural é trazido à tona pela opção linguística do falante, se sobrepondo à língua de menor prestígio social. A esse respeito Memmi esclarece:

Mas o bilinguismo colonial não pode ser confundido com qualquer dualismo linguístico. A posse de duas línguas não é apenas a de dois instrumentos, é a participação e dois reinos psíquicos e culturais. Ora aqui, os dois universos simbolizados, carregados pelas duas línguas, estão em conflito: são os do colonizador e do colonizado. (MEMMI, 1977, p. 97)

No caso de Eugene, o universo que se sobressaiu foi o do colonizador. Os castigos aprendidos com os ingleses eram repassados aos seus filhos, como uma forma de doutriná-los a suas regras e ao cristianismo.

Como no momento em que, quando seus filhos chegam em casa, depois de umas férias na casa da tia, Eugene descobre que tiveram contato com seu pai, Papa Nnukwu, um pagão, de acordo com a sua concepção. O castigo foi esquentar com água fervente os pés dos dois filhos e justifica tal ato perverso como algo positivo para a construção do caráter das crianças, assim como o padre inglês fez com ele.

- Uma vez eu cometi um pecado contra o meu corpo – contou ele – E o bondoso padre (...) entrou e me viu. Pediu que eu fervesse água para o chá. Colocou a água numa tigela e me fez por as mãos nela. Papa estava olhando bem nos meus olhos. Eu não sabia que ele um dia tinha cometido um pecado, que era capaz de fazer isso. -Nunca mais pequei contra o meu corpo de novo. O bondoso padre fez isso pelo meu bem – explicou (ADICHIE, 2011, p. 209)

Na passagem acima, Eugene tenta aproximar a imagem de superioridade que tinha dos ingleses a sua e retransmiti-la aos seus filhos, tanto que Kambili tinha o pai em alta conta, entre um santo e um mártir, aquele que não tem pecados, que ajuda ao próximo. O que de fato acontecia era Eugene descontentar suas frustrações na família, principalmente em Beatrice, sua esposa, que já perdera duas crianças em seu útero por ter sofrido graves espancamentos de Eugene, levando-a quase a morte.

Tudo o que era advindo do colonizador inglês branco e cristão era consequentemente correto para Eugene, como num jogo hierárquico em que o poder é estabelecido em uma esfera na qual o branco devesse ocupar o seu lugar devido, como um ser superior em todos os aspectos, um ser correto, que tivesse o direito de dominar os nigerianos em todas as instâncias devido aos seus direitos natos de brancos e cristãos.

Tal comparação pode ser notada na fala de Eugene quando diferencia o seu sogro, homem católico, claro e que falava inglês do seu pai, homem pagão, negro e que jamais se inclinaria a nenhum tipo de mudança que pudesse afetar os seus ensinamentos tradicionais. Novamente a questão linguística simbolizando o universo do colonizador em oposição ao universo do colonizado.

Era muito diferente da forma como Papa tratara o meu avô materno até ele morrer cinco anos atrás. Vovô tinha pele muito clara, era quase albino, e diziam que esse fora um dos motivos pelos quais os missionários haviam gostado dele. Insistia em falar inglês (...). Sabia latim também(...). Insistia que o chamássemos de Vovô em vez de Papa-Nnukwu. Papa ainda falava muito dele, (...) como se Vovô fosse seu pai. Ele abriu os olhos antes da maioria do nosso povo, dizia Papa; foi um dos poucos que acolheram os missionários. Vocês sabem a rapidez com que ele aprendeu inglês? Quando se tornou um intérprete, sabem quantas pessoas ajudou a converter? Ora, ele converteu pessoalmente quase toda a população em Abba! *Fazia as coisas do jeito certo, do jeito que os brancos fazem, não como o nosso povo faz agora!* (ADICHIE, 2011, p. 75, grifo nosso).

Para Eugene o único jeito certo era o jeito do branco, o jeito do colonizador inglês, daquele que dita o que deve ser feito e como, colocando-se em uma posição hierárquica superior em todos os aspectos ao colonizado que, por vezes, acredita na imagem e na justificativa da exploração e chega a desejar o papel do colonizador.

A imagem de superioridade branca foi tão forjada na mente de Kambili por seu pai que a menina, quando pensava em Deus, o imaginava de mãos brancas e sotaque britânico e Nossa Senhora sempre loira de olhos azuis. Uma tarde, na casa de sua tia Ifeoma, avista um quadro pintado por sua prima Amaka em que a imagem de Nossa Senhora era negra e se assusta com a suposta afronta.

Desejar ser branco, ser cristão, ser inglês, era desejar ser “bom” e ser “certo”, na visão de Eugene, que também acreditava que se o colonizador está em um grau étnico superior ao povo igbo porque não submetê-los à exploração, à fome, à miséria, afinal, nem convertidos são, cultuam deuses que destoam dos povos brancos, pois ao mesmo tempo em que o mundo do colonizador o excluía e lhe era hostil também causava inveja, era objeto de desejo do colonizado, como revela Fanon.

O mundo do colono é um mundo hostil, que rejeita, mas ao mesmo tempo é um mundo que dá inveja. Vimos que o colonizado sonha sempre em instalar-se no lugar do colono. Esse mundo hostil, pesado, agressivo, porque rejeita com todas as suas asperezas a massa colonizada, representa não o inferno do qual desejaria afastar-se mais rapidamente possível, mas um paraíso ao alcance da mão, protegido por terríveis cães de guarda. (FANON, 2010, p. 69)

Quando o pai de Kambili vai para o colégio católico, ainda na adolescência, passa a aderir ao pensamento sociológico eurocêntrico inglês de superioridade dos dominadores em várias instâncias; racial, religiosa, linguística, social dentre outras. Ele faz parte da minoria sociológica, representa um grupo que defende a minoria numérica de brancos colonizadores e de seus costumes. Ele próprio foi condicionado e manipulado pelo colonizador para que também pudesse manipular e condicionar, aprendeu, como bom aluno, as lições do homem branco.

Esta minoria ativa assenta sua dominação sobre uma superioridade material incontestável, sobre um estado de direito estabelecido vantajosamente para ela, sobre um sistema de justificações de fundamento mais ou menos racial. (...) Esta observação é preciosa; ela nos lembra justamente que esta minoria numérica não é uma minoria sociológica, ela só corre este perigo se houver uma inversão da situação colonial. (...) Distinção e hierarquia que repousam, de início, sobre critérios de raça e de nacionalidade. Elas implicam uma espécie de postulado: a excelência da raça branca e mais precisamente desta fração que é a nação colonizadora; a supremacia sendo vista como fundada na história e na natureza. (BALANDIER, 1963, p. 116-117).

No romance, a distinção hierárquica reside também no próprio pai de Eugene que é considerado pelo filho como um ser inferior pelas características que o filho de atribui: negro, pobre, só sabe falar igbo e o pior de todos os defeitos para Eugene é o fato de o pai ser um pagão.

A situação mal resolvida entre pai e filho cria uma tensão entre ambos os personagens de modo que um espera do outro uma mudança de postura que jamais ocorrerá, pois Papa Nnukwu morre antes que tal conflito possa ser resolvido; Eugene

espera que o pai converta-se ao cristianismo e abandone seus deuses e rituais pagãos, por sua vez Papa Nnukwu espera que Eugene o procure, que se reconcilie com ele, com os seus ancestrais e com a natureza e espera sobretudo que Eugene perceba o que de fato confere coesão à sua vida. Contudo, para Eugene, o estilo de vida do pai era desperdício de tempo e relegar o filho a uma condição hierárquica inferior na escala social em que viviam, por isso Eugene abraça o cristianismo e exige dos filhos uma posição impecável no âmbito social, cultural, linguístico e religioso em que circulavam.

- Por que acha que eu trabalho tanto para dar o melhor a você e a Jaja? Vocês têm de fazer alguma coisa com todos esses privilégios. Como Deus lhe deu muito, Ele espera muito de vocês. Espera a perfeição. Eu não tive um pai que me desse as melhores escolas. Meu pai desperdiçava seu tempo adorando deuses de madeira e pedra. Eu não seria nada hoje se não fosse pelos padres e pelas irmãs da missão. (...) Eu já ouvira tudo aquilo antes, coisas que ele jamais teria aprendido de seu pai adorador de ídolos. (ADICHIE, 2011, p. 53)

Após ter se convertido cristão, Eugene culpa Papa Nnukwu por não tê-lo introduzido na religião católica e não consegue perceber vantagens materiais e culturais na religião e na cultura de Papa Nnukwu e muito menos nas suas tradições familiares. O que toma Eugene é, além do sentimento de pareidência com o colonizador, o sentimento de gratidão por ter se livrado da vida que levava com seu pai.

No romance, a narradora Kambili não revela de que maneira Eugene conseguiu atingir a riqueza, o leitor só consegue obter a informação de que ele enriqueceu depois de convertido ao cristianismo e de conhecer a língua e a cultura do colonizador.

Ele acredita que o fato de uma pessoa cultuar rituais tidos como pagãos pelo colonizador já justifica sua situação hierárquica inferior, pobreza, miséria e explorações.

Essa é a educação transmitida à Kambili e Jaja, seus filhos, que se dividem entre os sentimentos de medo e orgulho do pai próspero. Todo o recorte da situação é feito sob o viés do olhar de Kambili que tenta agradar ao pai ao longo da narrativa.

A menina tímida e muito fechada também apresentava problemas de relacionamento no colégio de freiras em que estudava, só se relacionava bem com uma menina, Ezinne, que havia sugerido a Kambili ser mais aberta, conversar com as outras meninas ao invés de estudar no intervalo e não sair correndo quando desse o sinal das aulas. Quando questionada por que não ficava um pouco mais depois da aula, Kambili só respondeu:

-Eu gosto de correr, só isso – disse.

(...) Kevin sempre estava com o Peugeot 505 estacionado no portão da escola assim que o sino tocava. Kevin tinha muitas coisas para fazer para Papa, e eu não tinha permissão para atrasá-lo, por isso sempre ia a toda da minha última aula. A toda, como se estivesse correndo os duzentos metros da competição do colégio. Uma vez, Kevin dissera a Papa que eu havia demorado alguns minutos a mais para sair, e Papa batera nas minhas duas bochechas ao mesmo tempo. As palmas imensas das mãos dele deixaram marcas paralelas em meu rosto e um zumbido nos ouvidos durante dias. (ADICHIE, 2011, p. 58).

O silêncio que selava sua boca estava atado ao medo constante que tinha do pai e ao segredo que mantinha do modo de vida que levava. Aos olhos da sociedade, a família deveria ser o verdadeiro modelo de perfeição. Seu medo se misturava com o sentimento de admiração de um ser superior que aprendera a ser deste modo também com os missionários ingleses.

A própria justificativa do pai quanto ao colégio já remete ao tipo de educação, ou melhor, ao tipo de dominação e alienação que desejava da filha, como pode ser observada na passagem abaixo quando Kambili e Eugene estavam próximos aos altos muros da escola.

Os muros altos que cercavam a Escola de Ensino Médio Daughters of the Immaculate Heart eram muito altos, como os da nossa casa. Mas, em vez de fios elétricos espiralados, eles eram encimados por pedaços de vidro verde com pontas afiadas voltadas para cima. Papa dissera que aqueles muros haviam influenciado sua decisão quando terminara o ensino básico. Disciplina era importante, dissera. (...) Meninas mendigas muito mais novas do que eu desafiavam os seguranças da escola, se aproximando cada vez mais dos carros e oferecendo laranjas descascadas, bananas e amendoins, com suas blusas roídas de traças deixando os ombros à mostra. Papa finalmente entrou no grande terreno da escola e estacionou perto da quadra de vôlei, depois do gramado bem cuidado. (ADICHIE, 2011, p. 51)

Kambili percebe os contrastes sociais de sua vida com a das meninas que via pela janela de seu carro, protegida ou aprisionada pelos muros de sua casa e da escola, pelos seguranças de seu pai e pelo seu carro do ano, mas não havia espaço entre Kambili e seu pai para conversas de ordem social e de nenhuma outra ordem. Ela só tinha espaço para responder o que lhe era perguntado.

Em uma de suas tardes silenciosas, fortes pancadas ritmadas vindas da suntuosa suíte de seus pais fez a menina estremecer e querer não pensar o que poderia ser o barulho, até que ouve um ruído da porta se abrindo vê sua mãe sendo carregada como um saco de batatas para o hospital. Todos sabiam o que havia se passado, mas ninguém

tocava no assunto, quando falavam, era sobre três homens que haviam sido executados em praça pública.

O que ficou na memória da menina foi a triste imagem da mãe conduzida como um objeto pelo pai e o rastro de sangue que coloria o fino mármore do chão. Quando voltou para casa, Beatrice deu a notícia à Kambili de que havia perdido o bebê que estava esperando. A mãe, a mulher, sempre ganhava o desprezo e a culpa.

Mais tarde, no jantar, Papa nos mandou rezar dezesseis novenas. Pelo perdão de Mama. (...) Tínhamos que rezar tudo bem certinho. Eu não me perguntei, nem tentei me perguntar, o que Mama fizera para precisar ser perdoada. As palavras dos meus livros da escola continuaram a viver sangue sempre que eu tentava lê-las. (ADICHIE, 2011, p. 43)

As palavras dos livros de Kambili mimetizam a dor e o sofrimento vistos e sofridos dentro do núcleo familiar.

Mesmo quando Kambili e Jaja foram visitar sua tia Ifeoma em Nsukka, a menina ainda tinha medo de não obedecer ao pai. A separação física do opressor não fazia com ela se sentisse livre para deixar de lado os seus preceitos. Manipulação e dominação também ocorriam mesmo à distância e de maneira indireta. Acerca dessa forma de dominação Balandier esclarece:

Na medida mesmo em que a distância entre as civilizações tende a se reduzir, as relações das massas ganham um papel mais importante, a força já não é suficiente para manter a dominação e os meios mais indiretos também são utilizados. (BALANDIER, 1963, p. 117)

Nesse momento da narrativa, Eugene não precisa estar ao lado de Kambili para que sua força opressiva seja sentida, os efeitos da dominação já estão enraizados na alma da menina.

Ao mesmo tempo que tem para si a imagem quase divinificada do colonizador inglês como um ser generoso culturalmente, socialmente e religiosamente, Eugene também tenta se aproximar do ideal que construiu em seu imaginário do colonizador, ele mesmo ajuda financeiramente diversas instituições religiosas e parentes bajuladores distantes ao ponto de ser chamado de Omelora, Aquele Que Faz Pela Comunidade; distribuía dinheiro e comida para os parentes e vizinhos em Abba e ajudava não só a igreja que frequentava em Enugu como também o colégio de cristão de Kambili dentre outras instituições.

Fazia caridade, como costumava pensar, acreditava que reproduzia os atos beneméritos dos brancos ingleses, não conseguia perceber em seu discurso os processos discriminatórios raciais, étnicos, religiosos, linguísticos e econômicos. Eugene tinha atitudes contraditórias em relação à família, ao jornal que comandava e à política de seu país; não admitia o golpe político dos militares.

Golpes levavam a mais golpes, disse Papa, contando-nos sobre os golpes sangrentos dos anos 1960, que acabaram se transformando em uma guerra civil logo depois que ele deixou a Nigéria para ir estudar na Inglaterra. (...) Mas o que nós, nigerianos, precisávamos não era de soldados para nos comandar; precisávamos de uma democracia renovada. Democracia renovada. Soava importante quando ele dizia aquilo, mas tudo o que Papa dizia soava importante. (ADICHIE, 2011, p. 30-31).

Democracia renovada da porta da sua casa para fora, da porta para dentro o que de fato ocorrida era um regime ditatorial carregado de valores eurocêntricos ingleses. Como pode ser constatado na fala de Ade Coker, o editor chefe do jornal de Eugene, quando encontra as crianças silenciosas de Eugene em sua casa em Abba.

-Então o que vocês fazem quando estão aqui neste fim de mundo, hein? – provocou ele.
Jaja e eu sorrimos e não dissemos nada.
-Eles são muito quietinhos – disse Ade, dirigindo-se a Papa. – Muito quietinhos.
-Não são como as crianças de hoje em dia, sem educação e sem temor a Deus – disse Papa (...).
-Imagine como seria o *Standard* se todos nós fôssemos tão quietinhos. Era uma piada. Ade Coker estava rindo, e Yewande, sua esposa, também. Mas Papa não riu. Jaja e eu nos viramos e voltamos lá para cima em silêncio. (ADICHIE, 2011, p. 65)

Mesmo nesta situação opressora e cercada por muros de silêncio, Kambili percebe os desequilíbrios sociais a sua volta. Uma situação pontual que prende a atenção da menina é quando observa o desamparo e a exploração sofridos por pessoas pobres que tinham barracas montadas no mercado de Enugu, principalmente as mulheres.

Os soldados armados e violentos estavam destruindo tudo o que aquelas pessoas conseguiram comprar e colocar em suas barracas. A violência era palavra de ordem dos militares e em meio a essa tristeza e situação de mazela, Kambili sente empatia por uma das mulheres que estava em desespero no chão do mercado, um sentimento quase como um ato solidário de uma dominada para a outra.

O florescer do Hibisco Roxo

Em meio a esses conflitos diversos, a família de Kambili recebe a visita de Tia Ifeoma, uma mulher muito diferente do modelo feminino de sua mãe submissa. Ifeoma é descrita por Kambili como uma professora universitária, grande, alta, de risada gostosa e voz imponente que não tem medo nem de seu irmão Eugene nem de ninguém. Mulher que lê muito, forte, de andar veloz e que sabia exatamente onde estava indo.

Ifeoma postulava a igualdade para todas as mulheres, não a igualdade de exploração dos colonizados, mas a igualdade e direitos para o seu povo. Respeitava a religião ancestral e vivia em meio às tensões do cristianismo e das crenças de seus antepassados. Tinha percepção da vida e do casamento diferentes da maioria das mulheres, acreditava que primeiro a mulher deveria ser feliz não importando se casada, solteira, viúva, como era o seu caso, ou separada e seus filhos tinham uma linha de pensamento muito próxima a dela.

Um novo universo se abre aos olhos de Kambili ao observar aquela mulher corajosa tão diferente das mulheres com as quais estava acostumada a conviver.

Eu observava cada movimento dela sem conseguir desviar os olhos. Era por causa da coragem que ela transmitia, evidente em seus gestos enquanto falava, na maneira como sorria. (...) Toda vez que Ifeoma se dirigia a Papa, meu coração parava e depois começava a bater de novo, freneticamente. Era por causa daquele tom atrevido; ela não parecia reconhecer que aquele era Papa, que ele era diferente, especial. (ADICHIE, 2011, p. 85-86).

É ela quem mostra a situação de miséria vivida por sua família e por diversos nigerianos a Kambili quando convida os sobrinhos para passarem uma semana em seu humilde apartamento. A ideia de poder sorrir e de um dia se parecer com a tia transborda para o sonho da garota: “Naquela noite, sonhei que estava rindo, mas a risada não soava como a minha, embora eu não soubesse bem qual era o som da minha risada. Era uma risada alta, profunda e entusiasmada, como a de tia Ifeoma.” (ADICHIE, 2011, p. 97).

O pequeno mundo de Kambili e seu olhar se expandem e florescem a partir das intervenções inicialmente de tia Ifeoma e depois dos primos, principalmente de Amaka. Kambili começa a perceber os diversos problemas enfrentados pela família de sua tia e por muitas outras famílias nigerianas, como a falta de gasolina nos postos, a falta de água, de energia, de leite, de pão dentre outros itens de necessidade básica, além da enorme burocracia em seu país e das mazelas dos sistemas de saúde, quando seu avô

Revista Crioula USP – No. 16 – Dezembro de 2015.

paterno precisou de atendimento, e educacional, quando atentou para o relato dos seus primos sobre as escolas públicas frequentadas por eles.

Novas ideias sobre religião também germinam na cabeça e no coração de Kambili quando conhece o jovem, negro e belo padre Amadi em um jantar na casa de sua tia. Ele canta hinos religiosos e faz orações em igbo, muito diferente dos padres brancos que conhecia das missas que frequentava. Percebeu que o cristianismo poderia ser celebrado em igbo e com canções ao ritmo tipicamente da região sul em que estava localizada.

Notou também, por interferência de sua tia, que seu avô não era um pagão e sim um tradicionalista, que contava histórias de seu povo com entonações e ritmos próprios que a menina nunca antes havia escutado, que nem sempre a Bíblia dava conta de tudo e que as histórias de seu avô e a forma com que ele contemplava o mundo conferiam coerência a sua vida, mas não prestígio social. A cada dia que a menina passava na companhia daquelas pessoas, novas pinceladas de lucidez eram dispostas em um quadro ainda a se definir. Até mesmo a maneira de ver seu avô passa a ser redefinida, assim como sua cultura de origem e tradição e cristianismo são aproximados na fala de Kambili.

Tia Ifeoma (...) me olhou e disse que Papa Nnukwu não era um pagão, mas um tradicionalista, que às vezes o que era diferente era tão bom quanto o que era familiar, que quando Papa Nnukwu fazia seu itu-nzu de manhã, sua declaração de inocência, era a mesma coisa do que quando rezávamos o rosário. (ADICHIE, 2011, p. 177)

Como o quadro que Amaka estava pintando de Papa Nnukwu com o idoso a contar histórias a sua frente. A imagem capturada do ancestral na tela de Amaka foi dada a Kambili no momento em que Eugene foi buscar os filhos na casa da irmã Ifeoma, como uma lembrança, um segredo, um elo entre familiares.

Os efeitos das mudanças sofridas em Kambili também são observados em Jaja, ambos se surpreendem, logo no primeiro dia na casa da tia Ifeoma, com a possibilidade de diálogo a mesa, na hora da refeição, entre sua tia Ifeoma e seus primos, na simples mesa montada para o almoço.

Chima e Obiora comiam em pratos de plástico, enquanto o resto de nós comia em pratos simples de vidro, sem flores delicadas ou linhas prateadas. Risadas fluíam acima da minha cabeça. (...) Até então eu me sentira como se não estivesse ali, como se estivesse apenas observando uma mesa onde se podia dizer o que quisesse, para quem quisesse, onde o ar era livre para ser respirado à vontade. (...) Eram

meus primos que falavam quase tudo, enquanto Tia Ifeoma apenas olhava, comendo devagar. Ela parecia um técnico de futebol que treinara bem seu time e estava satisfeita em ficar no banco, só assistindo. (ADICHIE, 2011, p. 131)

Os pilares da opressão, da alienação e da dominação construídos por Eugene começam a ruir no momento em que tanto Kambili quanto Jaja percebem o sentido real da vida simples, humilde e coesa que levam com sua tia naquele curto período de tempo.

A grande queda das muralhas opressivas e silenciosas, construídas pelo pai de Kambili, ocorre quando ela e Jaja estão escondidos no quarto da menina admirando a imagem do falecido ancestral Papa Nnukwu. Eugene entra e tenta tomar o quadro de Kambili que o defende praticamente até a morte, a menina é levada em coma ao hospital depois de tanto apanhar.

As marcas físicas e psicológicas da violência deixadas por Eugene serão sinais da necessidade de mudanças que já haviam sido anunciadas por Jaja na casa de sua tia. Jaja é o primeiro de seu núcleo familiar a se sentir à vontade com o novo contato com os parentes e a buscar mudanças reais. Talvez porque o próprio apelido Jaja, dado pela tia Ifeoma, retome a lenda de Jaja de Opobo, um antigo rei rebelde que não se curvou a dominação inglesa.

Com o alargamento da visão dos irmãos, Eugene parece menor, bem menor a cada dia: “Papa, que era tão alto que às vezes precisava abaixar a cabeça para passar por algumas portas, (...). Agora ele parecia pequeno; parecia um rolo decido amassado.” (ADICHIE, 2011, p. 219).

Kambili percebe o problema de uma única histórica, da única versão de mundo do seu pai que não consegue enxergar as pessoas e as situações que o cercam em sua profundidade e em sua pluralidade. Os desejos de emancipação e liberdade afloram, a esse respeito Sanches esclarece:

(...) como pensar em tensão produtiva o reconhecimento de uma diferença, de uma cultura específica, de que há que se orgulhar, na ênfase colocada na pertença de múltiplos lugares e anseios, todos eles unidos pelo desejo de emancipação, da libertação e da dignidade humana. Assim a diferença questiona e possibilita, ao mesmo tempo, o universalismo em que os direitos negados aos descendentes de escravos se haviam fundado. (SANCHES, 2011, p. 18)

A menina precisou expandir o seu campo de visão para que questões maiores de âmbito universal pudessem ser tensionadas à sua frente. Quando a menina deixa Enugu

e parte para a casa da tia em Nsukka e posteriormente para as cidades da região sul por motivos diversos um novo universo se abre para a garota. Seu recorte parte do âmbito local, para o regional e posteriormente para o âmbito universal, como quando pensa na situação de exploração do trabalho das pessoas que moravam no campus onde sua tia trabalhava. Outras questões como educação, liberdade e dominação também começaram a povoar a sua mente, como o que de fato a impulsionava e o que de fato impulsionava os seus primos a saltarem.

Naquele instante, percebi que era isso que tia Ifeoma fazia com meus primos, obrigando-os a ir cada vez mais alto graças a forma como ela falava com eles, graças ao que esperava deles. Ela fazia isso o tempo todo, acreditando que eles iam conseguir saltar. E eles saltavam. Comigo e com Jaja, era diferente. Nós não saltávamos por acreditarmos que podíamos; saltávamos porque tínhamos pânico de não conseguir. (ADICHIE, 2011, p. 238)

Considerações Finais

Adichie conduz os protagonistas de seu romance para uma busca identitária que se projeta para além dos muros físicos, sociais, religiosos e culturais que as represam.

Questões de ordem universal vêm à tona à medida que a menina Kambili descobre a pluralidade de identidades que a cerca e percebe o seu papel de filha submissa, controlada e manipulada como um fantoche ou um ser objeto.

Quando a mãe perde seu último bebê compreende os direitos que lhe foram negados por todos os anos em que viveu com Eugene e se nega a aceitar novamente qualquer outro tipo de violência ou contra ela mesma ou contra qualquer um de seus filhos. No momento em que suas estatuetas de vidro são quebradas por Eugene na prateleira da sala, um mundo inteiro de dominação e de escravidão familiar se quebrou ali também.

Beatrice põe de lado os preceitos do catolicismo e procura um curandeiro que lhe dá um veneno para ser dissolvido no chá da tarde de Eugene. O veneno reafirma a importância da tradição e corrói Eugene por dentro via hábito de um colonizador.

Os direitos são postulados e uma perspectiva libertária se anuncia logo no início do romance antes de Kambili iniciar a sua digressão, como um prelúdio do que estaria por vir.

Talvez Mama soubesse que não ia mais precisar das estatuetas; que quando Papa atirou o missal em Jaja, não foram apenas elas que se quebraram, mas todo o resto. (...) Fiquei deitada na cama depois que

Mama foi embora, deixando minha mente remexer o passado, pensando nos anos em que Jaja, Mama e eu falávamos mais com os nossos espíritos do que com os nossos lábios. Até Nsukka. Nsukka começou tudo; o jardimzinho de tia Ifeoma perto da varanda de seu apartamento em Nsukka começou a romper o silêncio. A rebeldia de Jaja era como os hibiscos roxos experimentais de tia Ifeoma: rara, com o cheiro suave da liberdade, uma liberdade diferente daquela que a multidão, brandindo folhas verdes, pediu na Government Square após o golpe. Liberdade para ser, para fazer. (ADICHIE, 2011, p. 22).

Referências bibliográficas

ADICHIE, Chimamanda Ngozie Adichie. *Hibisco Roxo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

AULETE, Caldas. *Novíssimo Aulete dicionário contemporâneo da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Lexikon, 2011.

BALANDIER, Georges. “A noção de situação colonial”. *Cadernos de campo: revista dos alunos da pós-graduação em Antropologia da Universidade de São Paulo*. São Paulo, N.3, 1963.

BARRY, Boubacar. *Senegâmbia: o desafio da história regional*. Rio de Janeiro: Centro de estudos Afro-Asiáticos, 2000.

BLOCH, Ernest. *O princípio da esperança*. vol. 1. Rio de Janeiro: EDUERJ/Contraponto, 2005.

BOSI, Alfredo. *Literatura e resistência*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

COOPER, Frederick. Conflito e Conexão: Repensando a História Colonial na África. In: *Anos 90. Revista de Pós-Graduação em História*. Trad. Doris Vetton Rosa. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. vol. 15, número 27, 2008.

COSTA, Luís Manuel Neves. “Conhecer para ocupar. Ocupar par Dominar. Ocupação Científica do Ultramar e Estado Novo”. In: *História*. Revista da Flup. IV série, vol3, 2013.

CUNHA, Antônio Geraldo da. *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2010.

FANON, Frantz. *Os condenados da terra*. Juiz de Fora: UFJF, 2010.

HERNANDEZ, Leila M.G. Leite. *A África na sala de aula-visita à história contemporânea*. SP: Ed. Selo Negro, 2008.

HOUNTONDJI, Paulin J. “Conhecimento de África, conhecimento de Africanos: Duas perspectivas sobre os Estudos Africanos”. In: *Revista Crítica de Ciências Sociais*.

Centro de Estudos Sociais. Laboratório Associado da Universidade de Coimbra, Março 2008.

HOUNTONDJI, Paulin J. “Tempting traditions. International debate in traditional cultures.” *COMPAS Magazine*. March 2001.

LUKÁCS, Georg. *A teoria do romance*. São Paulo: Duas Cidades, 2000.

MARX e ENGELS. *Manifesto do Partido Comunista*. SP: Ed. Escriba, 1968.

MARX, Karl. *O Capital*. Crítica da economia política. São Paulo: Nova Cultura, 1986.

M’BEMBE, Achile. “As formas africanas de auto-inscrição”. In: *Estudos Afro-Asiáticos*. Ano 23, número 1, 2001.

MEMMI, Albert. *Retrato do colonizado precedido pelo retrato do colonizador*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

MUDIMBE, V.Y. *A ideia de África*. PT: Edições Pedagogo, 2014.

MÜSTER, Arno. *Ernst Bloch: filosofia da práxis e utopia concreta*. São Paulo: EDUNESP, 1993.

SAID, Edward. *Orientalismo: O Oriente como invenção do Ocidente*. Trad. Tomás Rosa Bueno. São Paulo: Companhia as Letras, 1990.

SANCHES, Manuela (org). *As malhas que os impérios tecem: textos anticoloniais, contextos pós-coloniais*. Lisboa: Edições 70, 2011.

WILLIAMS, Raymond. *O campo e a cidade – na história e na literatura*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

_____. *Marxismo e Literatura*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.